

## O ABOIADOR - *Por Luís da Câmara Cascudo*

O terreiro da fazenda, todo em barro vermelho batido, chapeado por lajes brancas, rebrilhava ao sol forte de Agosto. Das latadas, vinha o burburinho das gentes apinhadas. Uma multidão de vaqueiros encourados de novo, caracolava airosamente. Mocinhas de fita à cintura, de flor ao cabelo negro, olhavam, com o pasmo quieto dos espíritos mansos, para os cavalos suados que pulavam sob a pressão dos acicates. Era dia da apartação. De muitas léguas ao redor, tinham vindo pessoas assistir a festa. A música da vila mais próxima tocava. Numa atmosfera da alegria serena, toda a terra era um tapete verde, e de longe, grandes oitizeiras, robustos juazeiros, oiticicas imensas, esgalhavam-se gloriosamente como múltiplas mãos abençoando aquela terra fecunda. No curral de pau à pique, atropeladamente, entrevia-se o gado rebanhado. Bois enormes, pesados e magníficos como velhos sultões, touros ágeis, nervosos, de musculatura potente, de olhos brilhantes e pontas aguçadas, novilhos irrequietos, saltitantes, erguendo as narinas como se aspirassem o cheiro da várzea florida, todos se apertavam no estreito espaço da porteira, olhando pasmadamente ao aspecto festivo da fazenda calma. Parou a música. Dois vaqueiros pularam com varas de ferrão para o curral. Outros, encourados, vermelhos de sol, com os gibões enfeitados de fios de retrós branco, colocaram-se do lado da porteira. Uma novilha apareceu, pulou e num salto brusco desatou numa carreira terrível pelo campo. Os cavalos iam-lhe no piso. O *esteira* conservou-a em linha reta, o outro baixou-se, apanhou a cauda, firmou-se na sela, e numa nuvem de pó as patas da novilha ergueram-se para o ar. Todo o dia este fato se repetiu inúmeras vezes. A tarde caía. O gado já se tinha apartado. Só uma grande parte pertencente ao dono da fazenda, é que se premia no curral. Deviam mandá-la ao rio que se estendia, preguiçoso e límpido, a alguma distância. Fizeram um círculo de vaqueiros. Falavam surdamente. De repente puxaram de um tamborete, um negro e o levaram para a costumada façanha. Era Joaquim do Riachão, o melhor aboiador das cercanias. O preto era baixo, magro, vestia calça de zuarte azul, cinto vermelho e uma camisa de algodãozinho que lhe mostrava o peito descarnado e as clavículas rompendo a pele. O pescoço fino, cheio de músculos, numa alto relevo de estatuária, prendia-lhe a cabeça poligonal, desbastada à largos golpes de camartelo, com o cabelo encarapinhado, o rosto chupado, com a arcada zigomática acusada através da epiderme franzina. Completava-o uns olhos claros, tristes, contemplativos como se evocassem silenciosamente a saudade da pátria distante, a África longínqua dos seus avós. Caminhou balouçantemente para o cercado. Trepou ao moirão da porteira. Tirou o seu chapéu de couro ponteadado de botões de madrepérola, bateu-o na coxa, pô-lo na cabeça, ergueu-a e soltou um grito moldurantemente forte, estridente, alto como uma fanfarra gloriosa de clarins em tarde de vitória. O gado continuava impaciente, pulando, apertando-se no estreito espaço do curral.

O negro aboiava.

Potente, sinuoso, dobrado em curvas felinas, o som se espriava em tonalidades estranhamente emotivas. Dir-se-ia um rapsodo, o último cantor das terras do sertão, cantando sem uma palavra, somente encantando pelo som. Desdobrava-se o surto sonoro, num grito estridente. Depois descia, quebrava-se, vinha em volutas para um *smorzado* magoado, sentido, bizarro, esdrúxulo.

O negro aboiava.

Recordação musical das dores sofridas. Cantava naquela tarantela febril, a ânsia dolorida de uma raça. Febre, lutas, vibrações, sentimentos, a coragem eterna do trabalho heróico contra os elementos. Era um canto triste, uma melopéa vagamente monótona, que subia aos céus levando envolta em notas a saudade sem fim dos dias que passaram. Estalava

no ar a voz de Riachão. De repente parava e no silêncio religioso do pátio repleto, só se ouvia o rumorejo farfalhante das ingazeiras distantes.

O negro aboiava.

Lembrança da terra querida. Impressão indelével dos trabalhos da seca. A morte do gado, os rios secos, o açude esgotado, o sol em fogo, a terra em brasa, os caminhos ladeados pelas ossadas brancas, o sussurro gemente do carnaubal esguio, o grito agônico e último do derradeiro boi morrendo ao pé das árvores ressequidas.

Som, queixume, esperança, prece e desalento se alavam para aquele céu azul, meigo, sereno, bendito, o mesmo céu da seca passada, o mesmo azul, puro, tranqüilo, implacável. O gado se aquietava junto à porteira. Os focinhos se inclinavam para a terra como procurando as pegadas deixadas pelas retiradas dolorosas.

O negro aboiava.

Era um soluço. Um canto tristíssimo que impressionava. Cantos doloridos de pesar, era o aboio, o lamento lançado ao sol moribundo, como se imprecasse a sua luz que fecundava a terra e que depois a ressequia. Recordava o sofrer angustioso das retiradas, quando faiscava a luz da madrugada, e a levada dos retirantes, sem pão, sem lar, sem descanso, nua, esfarrapada, doente, cambaleando procurava o caminho de uma natureza mais clemente, das terras melhores, de um céu mais amigo. Desenrolava-se no ar a sonoridade doentia do aboio.

Riachão desceu devagar, abriu a porteira tirando pau a pau aboiando sempre, pôs a vara de ferrão no ombro ossudo de artrítico, e vagaresco, soberbo, andou para o caminho serpenteante que levava ao rio espelento aos últimos raios do sol. O gado saiu do curral, todo ele, bois imensos, touros nervosos, novilhos tráfechos, cabisbaixo, pensativo, numa fila lenta, num mugido doloroso e foi seguindo no rasto do vaqueiro, o trilho sonoro do aboio. Nenhum correu, nenhum se apressou, nenhum daqueles animais rompeu a forma original daquela parada. Atravessaram o pátio cheio de vaqueiros descobertos, ladearam a casa de farinha e desceram para o rio, entre as juremas em flor e o cheiro forte dos pereiros verdes.

E assim, homem e gado, desapareceram na volta da estrada, e no ar sereno da tarde luminosa, ficou perdurando a dolência rítmica do aboio, o canto distante da dor eterna das gentes do mato, tão saudoso, tão forte e tão sonoro, como se fosse a própria alma do sertão que ia cantando...

*Natal, Julho de 1920.*

**FONTE:** *Revista do Brasil*, N. 67, Julho, 1921, Editor: Monteiro Lobato & Comp., São Paulo.

Acervo do **Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo**